

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSOS E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro -- Domingo 7 de Setembro de 1879

N. 39

O ARTISTA



O DIA 7 DE SETEMBRO NO BRAZIL.

Tempo houve em que o povo brasileiro, ainda fascinando e cheio de entusiasmo por se ter constituido em nação independente de sua antiga metropole, crendo com a maior ingenuidade deste mundo ser realmente um povo livre, independente e senhor de seus destinos, rendia culto sincero e estrondoso ao dia 7 de Setembro, considerando-o a data memoravel de sua emancipação politica. A vinda annual desse dia era anciosamente esperada; o povo preparava-se cheio de jubilo para solemnisal-o e o fazia effectivamente do modo mais espontaneo, expansivo e entusiastico. Os poetas dedicavão-lhe os seus melhores versos, as suas inspirações mais arrojadas, os seus mais harmonicos cantares, os oradores os seus mais polidos e fervorosos discursos, as damas as suas mais bellas e odorosas flôres, os mais alvos vestidos e as mais brilhantes fitas, e as crianças as loucas e infantis alegrias. O prazer, a animação e o bulicio tornavão estas festas populares e ruidosas de um encanto arrebatador.

Tudo ria-se, tudo folgava. Transpirava de tudo o mais elevado patriotismo, o mais ardente amor pela independencia e liberdade. O povo provava deste modo quanto era patriota e para os povos patriotas não pôde haver, certamente, nada que mais o deva inflamar e exaltar do que o anniversario de sua independencia patria, a data de sua liberdade e de seu triumpho contra o jugo, contra a tyrannia, o despotismo.

Forão-se porém passando os dias, os mezes e os annos; e á medida que estes se succedião e se accumulavão, o povo, chamando-se á meditação da historia de sua independencia e de sua vida politica, á assistir a experiencia, á prova de sua lei fundamental, foi deixando apagar-se a crença de seu coração, cahir a illusão de seu espirito e esvair-se o deslumbramento de seus olhos; começou de ver a luz diaphana da verdade pura, e reconheceo quanto tinha sido ludibriado em seus anhelos, enganado em sua credulidade, e cahindo de decepção em decepção chegou á

O dia 7 de Setembro foi successivamente perdendo o encanto para o povo, porque, perdendo as lantejoulas com que o tinham adornado, apparecia vestido com os mantos de estragada côr: já não alvorotava a sua approximação, nem accendia o entusiasmo o seu alvorecer; nem mais batalhões, nem festas populares. O povo ouve sem emoção as detonações das salvas officiaes e vê com estranho olhar o desfilar dos côches e carruagens da côrte, de alguns esquadriões de cavallaria e de uma guarda de honra; encara um momento a illuminação de alguns edificios publicos e retira-se bocejando; ouve alguns instantes o *Orphée aux enfers, la belle Héleene, la Grande Duchesse, une soirée de Carnaval* pelas bandas militares nos arsenaes, e sae desconsolado.

O povo já não tem expansões, mas só reservas; já não faz festas, nem tem recordações, senão tristes, senão pungentes; já não afflue aos theatros, nem percorre as ruas arregimentado de facha auri-verde e ramos de independencia: tudo está deserto, silencioso e cheio de escuridão.

O dia 7 de Setembro é hoje para o povo, como outro qualquer dia, sem pompas e sem galas.

Forão-se os dias festivos e gloriosos: vierão os dias melancolicos e sombrios.

Porque é isto? O povo esqueceo?

Não! não esqueceo. Apenas desiludio-se, desenganou-se.

O povo comprehendeeo que o dia 7 de Setembro era de um brilho falso e emprestado.

Que a independencia do Brazil não foi conquistada, mas comprada por bons milhares de contos de réis.

Que não é de facto independente, nem livre; que apenas se lhe trocou o jugo ou deu-se-lhe nome diverso.

Que o privilegio não era deste paiz, não existia neste solo: importarão o privilegio e o privilegio aqui vive e perdura.

Que a escravidão não era desta terra, não existia neste continente: tudo veio de além mar, aqui não encontrãrão senão uma raça selvagem, mais indomita e livre, e a escravidão entretanto aqui perpetuou-se.

Portanto o dia 7 de Setembro, que não exterminou o privilegio e a escravidão, foi um dia incompleto.

Constituindo-se um povo em nação independente, começou praticando a mais atroz injustiça instituindo o pri-

A escravidão!... essa fonte de tantos motejos e doestos, de tantas injurias e affrontas e de tantas desgraças de que tem sido victima o paiz e a communhão brasileira.

O privilegio!..., essa creação exotica da carta outorgada, esse minotauro de fauces hiantes sempre promptas a tragar todas as liberdades e todo o desenvolvimento individual.

São o diadema e a aureola de 7 de Setembro!

Esse dia, ainda que recorde a data de uma emancipação politica, foi um dia sem auroras e si pôde ser a gloria de um povo é uma gloria mareada.

Eis a razão porque o povo deixa passar silencioso o dia 7 de Setembro.

Quando o sol de nossa patria, esse brilhante sol dos tropicos, essa sublime maravilha de Deus, crear, aquecer e vivificar a liberdade dos captivos de todas as classes, assistir á queda dessa instituição universalmente condemnada, dessa iniquidade sem nome;

Quando esse sol vier dardejar seus ardentes raios sobre os destroços dessa outra instituição, esse privilegio odioso á dignidade humana:

Então o povo sahirá de seu retrahimento; elle virá cheio de suas expansivas alegrias festejar a nova data de sua emancipação; então o povo, grande e soberano, terá uma data gloriosa para memorar e virá todos os annos com o mais patriotico ardor fazer repercutir os echos de suas festivas acclamações.

O sol de nossa patria nunca será tão grande, tão soberbo e esplendido senão no dia em que vier illuminar a existencia da completa e absoluta liberdade dos escravos d'este paiz e a igualdade de todas as raças e de todas as condições.

JERONYMO SIMÕES.

Senhores:

O dia sete de Setembro commemora a época gloriosa, em que o Brazil, rebentando os fortes elos da pesada cadeia do captiveiro, levantou o grito da independencia, que transpoz os mares e foi repercutir na côrte magestosa do velho e soberbo Portugal!

O dia sete de Setembro, senhores, commemora a época gloriosa, em que o auri-verde pendão brasileiro desfraldou-se, tremulando ao sopro embalsamado da liberdade!

Foi no dia sete de Setembro de 1822, quando os raios do Ipiranga luziram as

armas brasileiras, aos raios vivificantes do sol da liberdade!

Oh! dia tão brilhante para o Brazil, tão sombrio para Portugal!

Portugal salvou-se, concedendo a liberdade ao Brazil; porque, se tal não fizesse, o que seria d'elle diante de um povo, em cujas veias ferve o sangue do indio?...

Oh! guerreiros illustres, vós, que combatestes outr'ora pela independencia do Brazil, porque não vos ergueis de leito da morte para colher os louros que em derredor de vossas campas jazem dispersos?

Não ouvis o estrondo dos canhões e o tenor das armas que lembram a independencia?

E vós cavalheiros portuguezes, vós, que vencestes Diu, Anafá, Mombaca e Quilôa, porque não desimbainhastei vossas espadas para vingar a affronta atroz porque passou vossa patria?

Mas que digo eu? elles já não viviam. Embora, vivessem ou não, o Brazil sempre triumpharia!

Portugal tremco diante dos feitos guerreiros do Brazil.

A bandeira luzitana, tão coroada de louros conquistados aos castelhanos, por pouco que não foi derribada aos pés da brasileira!...

Viva, pois, brasileiros, o dia sete de Setembro, o dia em que pod'ím os dizer:—SOMOS LIVRES!

Desterro, 1879.

PRATES.

POESIAS

A' Independencia

Soneto

Brasil, patrio Brasil, ufano exulta
Neste dia—de teus dias o primeiro!—
Mostra á face do mundo, ao estrangeiro
Como o progresso no teu seio avulta!

Si á tua tolerancia alguém insulta,
Não soffres já nefando captivoiro:
Ergue a fronte,—com gesto sobranceiro
Mostra o brio e valor que em ti se occulta

Declina a face tua ao despotismo,
Ama a virtude, acolhe a grã Sciencia,
De teu Monarcha prèsa o Heroismo!

E's livre! e pois repelle a insolencia,
Dos filhos teus invoca o patriotismo
No dia festival da Independencia!!!

B. V.

Hymno

Ao Glorioso Sete de Setembro.

Gratos hymnos doces, cantos
Entoemos com fervor
Pela fausta Independencia,
Do Brazil dada em favor!

De Dom Pedro o generoso,
O Perpetuo Defensor,
Alto brado no Ipyranga
Resoou com grã voz

E do Prata ao Amazonas
O Gigante adormecido
Accordando se levanta
Livre já, já destemido;

Monstro feio o Despotismo
Rebramiu como o leão,
Mas baldados seus esforços,
Triumphou nossa nação:

Ou Independencia ou morte
Seja o motte do brasão
Dos amigos do Brasil—
—Liberal Constituição!

E para sempre memoremos
O anniverso do almo brado
Com festivo regosijo
Em geral participado.

F. de P. M. de C.

O brado da liberdade

Offerecido

Ao Sr. Luiz de Araujo Correia.

As armas cidadãos! Erguei nova bandeira
Que sirva de pharol á terra brasileira.

Correi veloz mocidade
Aos campos da LIBERDADE
E mostrae que um povo bravo
Nunca pôde ser escravo!

A's armas etc.

A's armas! Tende coragem
Da morte em frente a voragem!
Hum povo livre formemos!
Cidadãos, eia, marchemos!

A's armas etc.

Que importa o fogo inimigo?
Não somos um povo amigo?
Se aqui cahem mil legiões
Surgem de bravos milhões?

A's armas etc.

Ao rufar de mil tambores
Correi bravos defensores
Fazei frente ás mil metralhas
Não temei feras batalhas.

A's armas etc.

Combatei até que um dia
Seja morta a tyrannia
P'ra que o patrio Brazil
Não mais padeça o jugo vil.

A's armas etc.

LIBERDADE, honra e gloria
Serão os trophéos da victoria,
Depois—um viva unisono
Ao seculo decimo nono! !.....

A's armas cidadãos!

Desterro, de 1879.

José Francisco Paz.

Soneto

Aos annos do meu distincto amigo o
Illm. sr. major Francisco de Paulicéa
Marques de Carvalho.

No dia festival da *Independencia*,
Em que o patrio *Brazil* exulta grato,
Na bella *Paulicéa* deu-se o facto
Qu'attingiu de gloria o seu alto

Assomou á sorrir-se na innocencia,
Para ser dos humanos um ornato,
Aquelle, á quem estudos, fino trato,
Doarão entre amigos preeminencia!

Já quasi onze lustros tem passado,
Hoje o vemos enfermo, oh desventura!
Mas affavel, fiel e sempre honrado!

N'essa alma a *sympathia* só fulgura,
A bondade, a firmeza, doce agrado,
Que honra os homens, a *Patria* e a
(Natura!

M. B. A. V.

TRANSCRIÇÃO

Joaquim José da Silva Xavier

O TIRADENTES

« Alferes do regimento de cavallaria paga de Minas-Geraes. Era filho de Domingos da Silva Sanctos e de d. Antonia da Eucarnação Xavier, e natural de Pomboal, termo da villa de S. João d'El-Rei capitania de Minas Geraes. Sua familia era pobre e seu berço humilde: recebeu a instrucção primaria e desde a juventude começou a experimentar os botes da desventura. Fez-se mascate e nessa profissão andava por Minas Novas, quando foi preso, por motivo que se ignora, mas com certeza não deshonroso, por quanto, se assim o fora, não deixariam de mencioná-lo os magistrados que contra elle mais tarde se mostraram tão deshumanos.

Desgostoso, abandonou semelhante genero de vida e, abraçando a carreira militar, chegou ao posto de Alferes no regimento de dragões, commandado pelo governador da capitania. Bravo e exacto no cumprimento de seus deveres, tinha contra si a qualidade de brasileiro, motivo bastante para as preterições que soffreu e que tanto o desgostaram:

Não era tão ignorante, como seus desaffectedos o apresentam aos olhos da posteridade; os seus projectos de encanamento das aguas dos rios Andaraí e Maracanã para abastecimento da cidade, e de construcção de alguns trapiches nas praias da mesma, são provas de que, si elle não dispunha de grande illustração era pelo menos bastante intelligente e dotado de força de vontade e amor ao trabalho.

Estava ainda na cidade do Rio de Janeiro, quando ali desembarcou, vindo da Inglaterra, o dr. José Alves Maciel, joven de 27 annos de idade.

Trazia o esperançoso mancebo, além de um diploma scientifico, o espirito educado nas idéas liberaes do seculo; conversando com Xavier, transmittiu-lhe a dôr intima que sentia ao ver sua patria ainda acorrentada, como Prometteu, ao Caucaso da metropole. Xavier que já havia sustentado iguaes principios na capitania de Minas, a mais oppressa pela tyrannia de Luiz da Cunha Menezes, tornou-se agora mais fervoroso apostolo da grande causa da emancipação politica.

Deixando o Rio de Janeiro (1788), dirigiu-se á Minas, e ali associou-se a

Gonzaga, Freire de Andrade, Claudio Costa e tantos outros, no projecto de uma revolução, que tivesse por fim romper os grilhões q' prendiam o Brasil a Portugal, e formar de nossa patria uma republica modelada pela dos Estados-Unidos.

Em todas as conferencias sempre elle achou-se e para as mais arriscadas posições sempre offereceu-se.

O entusiasmo com que abraçara a causa da emancipação nacional era tal, que não duvidava mostrar as vantagens d'esse acto por toda a parte por onde passava; d'ahi os compromissos que ia contrahindo e as provas de criminalidade que ia accumulando e que mais tarde deviam glorificar-o no cadafalso. Assentadas as bases para o rompimento do levante, disposto tudo para o bom exito da causa à que se votára de corpo e alma, foi perfidamente denunciado ao governador da capitania de Minas, o visconde de Barbacena, quo o mandou prender, juntamente com os outros complices do trama.

Achava-se elle então no Rio de Janeiro e asylado na casa de Domingos Fernandes, à rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias. Arrancado d'ahi e arrojado aos carceres que o Vice-rei Luiz de Vasconcellos lhe indicara, compareceu perante a alçada, onde não dissimula, declara franco e impassivel toda a parte que tivera na conspiração e generoso sustenta a não com participação de seus companheiros e até Gonzaga, seu inimigo fidalgo. E' sua causa confiada ao advogado José de Oliveira Fagundes que, desviando-se da missão sancta que lhe fôra

confiada, antes accusa do que defende a ultima victima escolhida para o sacrificio.

A 19 de Abril de 1792 entrava na cadeia publica o escrivão da alçada, desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha e lia a sentença que condemnava os conjurados, uns a morte, outros a degredo perpetuo.

Por carta regia de 15 de Outubro de 1790, Maria I commutava em degredo a pena de morte para tolos, menos para o alferes Xavier, que devia com barão e pregão ser conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca e nella morrer morte natural, e que depois de morto lhe seria cortada a cabeça e levada a Villarica, onde em logar mais publico se elevaria sobre um poste até que o tempo a consumisse. Seu corpo esquarterado pregar-se-hia em postes pelo caminho de Minas, nos sitios da Varguiha, Cebolas e de outras povoações até tambem à consummação.

Declarar-se hia infame, e infames seus filhos e netos; seriam seus bens applicados para o fisco e camara real; a casa em que morava arrasada e salgada, levantando-se no chão um padrão pelo qual se conservasse em memoria a sua infamia.

Amanheceu o dia 21 de abril de 1792; que era o ultimo da semana. No campo de S. Domingos, ou da Lampadosa, erguia-se a forca. A cidade agitou-se; as janellas como que vergavam ao peso das senhoras e crianças ricamente vestidas; a tropa trajava uniforme maior, ornado de festões de flores; os ajudantes de or-

dens, officiaes, ouvidores e mais auctoridades tinham as ferraduras de prata, as crinas enlaçadas de fitas e caudas arrematadas por laços cõr de rosa; os sinos repicavam festejando o grande acontecimento que se ia dar.

Soaram 11 horas quando Xavier chegou ao pedestal de sua estatua. Tendo comprimida nas mãos a cruz com imagem da primeira victima da injustiça humana subiu calmo a forca, onde entregou seu corpo á gargalhada da turba, seu espirito a Deus e a pureza de sua innocencia á veneração da posteridade. Reunido o senado da camara, conviõu por meio de editaes a todos os habitantes a illuminarem a frente das casas por trez dias, esperando que não fosse necessaria punição contra os que o contrario praticassem.

Finda todas as ceremonias confiou o desembargador Rocha aos archivos da historia o documento seguinte:

Francisco Luiz Alvares da Rocha, desembargador dos agravos da relação nesta cidade e escrivão da execução expedida contra os réos da conjuração formada em Minas-Geraes certifico que o réo Joaquim José da Silva Xavier foi levado ao logar da forca, levantada no campo de S. Domingos e nella padeceu morte natural e lhe foi cortada a cabeça e o corpo dividido em quatro partes; e de como assim se passou na verdade, lavei a presente certidão e dou a minha fé:

Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1792.

Francisco Luiz Alvares da Rocha.

(Extr.)

lhe aconselhou que aprendesse a ler. Neste momento o preso Faillete chegou-se a Claudio e lhe perguntou que diabo escondia elle nas calças.

Claudio disse:

—E' um machado para matar o sr. D. esta noite.

E ajuntou:

—Vê-se alguma coisa ?

—Um pouco, disse Faillete.

O resto do dia passou-se como de costume. A's sete horas da noite, fecharão-se os presos, cada secção na officina que lhe competia: e os guardas sahiram das salas de trabalho, como parece que é costume, para não voltarem senão depois da ronda do director.

Claudio Mendigo foi pois aferrolhado como os outros na sua officina com os seus companheiros de officio.

Então passou-se nesta officina uma scena extraordinaria, uma scena que não carece nem de magestade nem de terror, a unica d'este genero que alguma historia possa contar.

Havia alli, como o constatou a instrucção judicaria que teve logar depois, oitenta e dous ladrões, comprehendendo Claudio.

Logo que os guardas os deixarão sós, Claudio poz-se em pé sobre o seu banco, e annunciou a todo o ajuntamento que elle tinha alguma coisa que dizer. Fizerão silencio.

Então Claudio levantou a voz e disse:

—Todos vós sabeis que Albino era meu irmão. O que aqui me dão para comer não me chega. Mesmo

Outra vez, um domingo, achando-se elle no pateo, sentado n'uma pedra, com os cotovellos sobre os joelhos e a cabeça apoiada sobre as mãos, immovel havia muitas horas na mesma attitude, o condemnado Faillete aproximou-se d'elle e gritou-lhe rindo-se:

—Que diabo estás tu ahi fazendo, Claudio ?

Claudio levantou lentamente sua cabeça severa e disse:

« *Eu julgo a quem.* »

Uma noite em fim, a 25 de Outubro de 1831, no momento em que o director fazia sua ronda, Claudio quebrou com ruido debaixo dos pés um vidro de relogio que achara de manhã n'um corredor. O director perguntou que barulho era aquelle.

—Não é nada, disse Claudio, sou eu, sr. director, dai-me o meu camarada.

—Impossivel, disse o superior.

—Comtudo assim é preciso, disse Claudio em voz baixa e firme; e olhando o director em face, ajuntou: « Reflecti. Estamos hoje a 25 de Outubro. Douvos até 4 de Novembro. » Um carcereiro fez notar ao sr. D. que Claudio o ameaçava e que isto era caso de calabouço.

—Não, nada de calabouço, disse o director com um sorriso desdenhoso; é preciso ser bom para essa gente.

—No dia seguinte, o condemnado Pernot chegou-se a Claudio, que passeava só e pensativo, deixando os outros prezos folgarem n'um pequeno quadrado de sol na outra extremidade do pateo.

—Então ! Claudio, em que estás pensando ? pareces triste.

NOTICIARIO

A companhia dramatica do sr. Ribeiro Guimarães levou á scena no domingo ultimo o drama original brasileiro — Os miseráveis,— obra prima pela sua linguagem elevada e que tem o valor de trazer sempre preza a attenção do espectador.

A maneira porque foi desempenhado pelos artistas, é digna de elogios, pois souberão interpretar devidamente os papeis.

Pena é que o nosso publico deixasse de correr em massa ao theatro nessa noite, porque perdeu uma festa digna de ver-se e que bem valia um pequeno sacrificio para gozal-a.

Na noite de 3, teve lugar, pela mesma companhia o beneficio da distincta actriz tão conhecida do nosso publico D. Anna Chaves Guimarães, com o magnifico drama—D. Cezar de Bazan—em que a beneficiada e o sr. R. Guimarães angariarão geraes applauzos pela maneira digna de elogios com que desempenharão os seus papeis.

Todos os artistas que tomarão parte quer n'um, quer n'outro spectaculo esforçarão para sustentar a bõa reputação de que gozão.

Discurso proferido pelo sr. Coutinho na noite de 3 do corrente por occasião de realisar-se no theatro S. Isabel o beneficio de D. Anna Chaves.

« E' sempre com o coração entumecid.

de sensações sublimes, com a alma jubilosa e feliz que eu assisto á uma representação em beneficio de um artista.

Eu tambem já fui artista, já empreguei todas as minhas horas, todos os meus instantes nessa arte grandiosa de encarnar-me n'um personagem ideal, de representá-lo como se o houvera visto, conhecido intimamente.

Eu tambem já recorri mais de uma vez ao publico que, sempre generoso e magnanimo, acolheu-me carinhoso como um irmão, como um filho.

Eu tambem conheço o turbilhão de sentimentos que tumultuam no coração de um artista n'uma noite destas, na noite em que realisa a sua mais querida festa.

Quando um beneficiado percorre o theatro com a vista e o vè replecto, esplendido, um sorriso de satisfação entreabre-lhe os labios, e exclama commovido: —E' certo que eu valho alguma cousa, que o publico me ama, que me protege!..

Por isso, eu, que fui artista, mas artista modesto e sem pretensões, não posso deixar de vir hoje concorrer com o meu humilde tributo para a festa da brasileira distincta, da artista sympathica e intelligente, de d. Anna Chaves.

Sim, embora obscuro e modesto, quando o entusiasmo estremece-me o coração, não ha peas que me prendam, não ha obstaculos que me detenham, não ha considerações que me façam recuar.

A artista que ora realisa seu beneficio é tão conhecida do publico, que ocioso seria fazer o elogio do seu merito.

A sua intelligencia e a sua instrução não a fazem sómente actriz de valor; não.

Ella não só interpreta fielmente os pensamentos alheios, como sabe com todo o sentimento, com toda a inspiração descrever os seus.

Ella não só representa dramas, escreve-os tambem.

Sam duas coroas de louros que lhe adornam a sympathica fronte: a da actriz, e a da escriptora.

Por isso, hoje—noite de sua festa—eu venho commovido saudal-a, e dizer-lhe, de envolta com essa saudação que me parte do intimo d'alma:

—Avante!..avante sempre!.. Si a gloria é dos que estudam, dos que se illustram, dos que trabalham, avante! por que a gloria é tua!

ANNUNCIOS

9 DE AGOSTO

De ordem da Directoria, communico aos srs. socios, que o primeiro ensaio d'esta Sociedade Bailante, terá lugar no sabbado 13 de Setembro.

O Secretario
Luiz P. Neves.

Club 19 de Junho

Segunda-feira, 8 do corrente, ás 11 1/2 horas do dia haverá sessão para admisión de socios, e tratar de assumptos de alta importancia.

Previne-se ao mesmos srs. socios, que a partida deste mez terá lugar no dia 13, se o tempo permittir.—Alcino de Farias, 1º Secretario interino.

14

—Estou com medo, disse Claudio que não aconteça breve alguma desgraça a esse bom sr. D.

Ha nove dias cheios de 25 de Outubro a 4 de Novembro. Claudio não deixou passar um só sem advertir gravemente o director do estado cada vez mais doloroso em que o punha a desappareição de Albino. O director, fatigado, infligio-lhe uma vez vinte e quatro horas de calabouço, porque o pedido parecia-se muito com uma intimação. Eis tudo o que Claudio obteve.

O dia 4 de Novembro chegou. Nesse dia, Claudio despertou com um rosto sereno que ainda não lhe tinham visto desde aquelle em que a decisão do sr. D. o tinha separado do seu amigo. Ao levantar-se deu busca n'uma especie de caixa de pão branco que se achava nos pés de seu leito, e que continha seus poucos andrajos. D'ella tirou um par de thesouras de costureira. Era, com um volume desirmanado do *Emilio*, a unica cousa que lhe restava da mulher que tinha amado, da mãe de seu filho, de seu feliz e pequeno lar d'outrora. Dois objectos bem inuteis para Claudio; a thesoura não podia servir senão á uma mulher, o livro senão a um homem de letras. Claudio não sabia nem coser nem ler.

No momento em que elle atravessava o velho claustro deshonorado e caiado de branco que serve de passeio d'inverno, approximou-se do condemnado Ferrari, que observava com attenção os enormes varões de uma janella. Claudio tinha na mão a thesourinha; mostrou-a á Ferrari dizendo:

—Esta noite hei de cortar esses varões com esta thesoura.

Ferrari, incredulo, poz-se a rir e Claudio fez o mesmo.

15

N'essa manhã, elle trabalhou com mais ardor do que ordinariamente; nunca o fizera tão depressa o tão bem. Pareceu fazer empenho em terminar na manhã um chapéo de palha que tinha pago de antemão um honrado burguez de Troyes, o sr. Bressier.

Pouco antes do meio dia, desceu sob um pretexto á officina dos marceneiros, situada no pavimento terreo, por baixo do andar onde trabalhava. Claudio era estimado lá como nos outros lugares, mas alli entrava raras vezes. Assim:

—Olha! eis Claudio!

Rodearão-no. Foi uma festa. Claudio lançou um olhar rapido na sala. Nenhum dos vigias alli se achava.

—Quem é que me pôde emprestar um machado? disse elle.

—Para que? perguntarão-lhe.

Respondeu:

E' para matar esta noite o director das officinas.

Apresentarão-lhe muitos machados a escolher. Tomou o menor que estava bem afiado, escondeo-o nas calças e sahio. Havia alli vinte e sete presos. Elle não lhes tinha recommendado segredo. Todos guardaram-no.

Nem mesmo fallaram da cousa entre si.

Cada um esperou de seu lado o que aconteceria. O caso era terrivel, recto e simples. Não havia complicação possivel. Claudio não podia ser nem aconselhado nem denunciado.

Uma hora depois approximou-se de um condemnado moço de deseseis annos que bocejava no passeio e